



**UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE  
SERGIPE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ADRIELE NUNES DE OLIVEIRA

**SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA  
SANTA FACE:**  
a Pequena Via e sua Poética

ITABAIANA/SE  
2024

ADRIELE NUNES DE OLIVEIRA

**SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA  
SANTA FACE:**  
a Pequena Via e sua Poética

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

ITABAIANA/SE  
2024

**ADRIELE NUNES DE OLIVEIRA**

**SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE:  
a Pequena Via e sua Poética**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

Aprovado em \_\_\_\_ 26 \_\_\_\_ de \_\_\_\_ Março \_\_\_\_ de 2024.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira (UFS)

ORIENTADOR

---

Prof. Dr. Moisés Abdon Coppe (Koinonia/ Instituto Rubem Alves)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, primeiramente, pela oportunidade oferecida de ingressar na Universidade Federal de Sergipe e poder realizar o meu sonho de cursar Letras- português.

Agradeço aos meus pais e minha irmã por todo incentivo, apoio e encorajamento durante essa trajetória.

Agradeço ao meu prezado orientador Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira por ter me aceitado como sua orientanda, sinto-me honrada por ter me admitido como tal. Como também, agradeço por sua paciência, empatia, disposição e comprometimento para com este trabalho.

Agradeço a todos os colegas de curso por toda essa trajetória compartilhada, todas vivências e aprendizados adquiridos. Especialmente a Welbster, Joelmo e Gysllaine que sempre se mantiveram presentes em cada etapa alcançada, como também agradeço pelo apoio e amizade.

Agradeço ao meu namorado, José Aparecido, por toda a ajuda e disponibilidade oferecida a mim.

Agradeço a todos os meus professores por toda a formação e conhecimentos passados. Sou grata por ter conhecido todos vocês.

Por fim, agradeço a Santa Teresinha, por toda intercessão me dada para que este trabalho fosse concretizado.

“A literatura é como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta”.

Fernando Pessoa

## RESUMO

A Teopoética é um campo inter-relacional e dialogal que mostra interfaces da literatura com a religião. Doutora da Igreja Católica, Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face utilizou-se da poesia como forma de expressão para mostrar sua devoção a Deus e a sua religião. O presente trabalho tem como objetivo abordar a Teopoética como um espaço de revelação e diálogo, que analisa e mostra como a linguagem, por meio da literatura, alcança a transcendência. Com base nos teóricos Octavio Paz (1982), Alfredo Bosi (1977), Paul Ricoeur (2000) e Mikhail Bakhtin (2006), nos santos da Igreja Católica Santo Agostinho de Hipona (2019), São João da Cruz (2021) e Santa Tereza d'Ávila (2019), propõe-se analisar as poesias de Santa Teresinha a partir da abordagem desses elementos. A análise foi feita de modo a identificar como a poesia de Teresa de Lisieux detém uma linguagem rica e simbólica que revela a “imagem de Deus”.

**Palavras-chave:** Teopoética; Teresa de Lisieux; poesia; imagem; metáfora.

## RÉSUMÉ

La Théopoésie est un domaine interrelationnel et dialogique qui met en lumière les interfaces entre la littérature et la religion. Docteur de l'Église catholique, Sainte Thérèse de l'Enfant Jésus et de la Sainte Face a utilisé la poésie comme moyen d'expression pour manifester sa dévotion envers Dieu et sa religion. Ce travail vise à aborder la Théopoésie comme un espace de révélation et de dialogue, analysant comment le langage, à travers la littérature, atteint la transcendance. En s'appuyant sur les théoriciens Octavio Paz (1982), Alfredo Bosi (1977), Paul Ricoeur (2000) et Mikhaïl Bakhtine (2006) ainsi que sur les saints de l'Église catholique, Saint Augustin d'Hippone (2019), Saint Jean de la Croix (2021) et Sainte Thérèse d'Avila (2019), l'analyse se concentre sur les poésies de Sainte Thérèse à travers ces éléments. L'analyse a été menée pour identifier comment la poésie de Thérèse de Lisieux détient un langage riche et symbolique révélant l'"image de Dieu".

**Mots-clés:** Théopoésie; Thérèse de Lisieux; poésie; image; métaphore.

## SUMÁRIO

|                                                                 |    |
|-----------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO.....                                                 | 1  |
| 1. A TEOPOÉTICA COMO LINGUAGEM E IMAGEM TRANSCENDENTAL.....     | 3  |
| 2. A SANTA FACE POR TRÁS DOS ESCRITOS DE TERESA DE LISIEUX..... | 8  |
| 3. A POÉTICA DE SANTA TERESINHA .....                           | 15 |
| REFERÊNCIAS.....                                                | 23 |

## INTRODUÇÃO

A linguagem é um mundo de sentidos, um lugar onde há abertura para a imaginação, para o imperceptível, o abstrato, a transcendência. A palavra, ao mesmo tempo que tem a capacidade de nomear e indicar o que é tangível, também rompe a barreira desse concretismo, mostrando suas várias “faces”, de forma que essa mesma é ultrapassada pela imagem que é criada ao significar-se.

Com o decorrer do tempo, a construção da relação entre a linguagem e o ser humano se intensificou. O indivíduo dotado de conhecimento tem a capacidade de significar, de produzir sentido, de fazer significar sua experiência e de transmiti-la através dos signos. O homem fez e faz uso da palavra para representar suas ideias e seu discurso.

Nesse sentido, também a religião, desde os primórdios, está aliada à palavra e necessita de todos os arranjos da linguagem para ser realizada em seu discurso. Essa relação de comunicação toca o tangível, como também o ultrapassa, e é por intermédio da poesia que esse processo é explicado, uma vez que a literatura decodifica a palavra, a reconhece e a “traduz” por meio do processo de significação. É a partir da junção da religião e da poesia que nasce a Teopoética, ciência que explora a união entre essas duas vertentes e expressa o divino através da linguagem poética, conectando-as.

No presente trabalho, analisaremos, através da Teopoética, os escritos de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face (1873-1897), como a “imagem de Deus” é construída e figurada através da metáfora em suas poesias. A Teopoética aborda de maneira única a intersecção entre a religião e a literatura; por essa razão, se faz necessária a análise dos escritos de Santa Teresinha a partir dessa abordagem. Este trabalho não busca somente mostrar a beleza simbólica nas poesias de Teresa de Lisieux, mas também, ao analisá-las, apresenta a importância dessa interação, enriquecendo o entendimento teológico sobre a perspectiva da literatura, com o intuito de mostrar uma compreensão mais ampla de como as metáforas são fundamentadas em nossa percepção sobre o divino.

Este trabalho será desenvolvido a partir das perspectivas teóricas de Octavio Paz (1982), Alfredo Bosi (1977), Paul Ricouer (2000) e Mikhail Bakhtin (2006) cujos estudos ajudarão no que diz respeito às imagens e às metáforas construídas nas poesias da autora e santa Teresa de Lisieux. Quanto ao campo da Teologia, foram escolhidos três grandes místicos e doutores da Igreja Católica: Santo Agostinho de Hipona (354-530), São João da Cruz (1542-

1591) e Santa Teresa D'Ávila (1515-1582), os quais ajudarão a traçar um caminho lógico até Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, que, como esses, em que mostrará uma tentativa de diálogo com Deus, a persistência na conquista das virtudes teologais (Fé, Esperança e Caridade), entre outras questões relevantes.

## 1. A TEOPOÉTICA COMO LINGUAGEM E IMAGEM TRANSCENDENTAL

A Teopoética revela o elo com a história e a vida por meio de um jogo de percepções entre esses dois campos. Advinda de uma “ponte” entre a literatura e a teologia, explora a intersecção entre a criação artística e a reflexão espiritual. Ou seja, a experiência do humano gera significação e torna-se espaço para a manifestação e encontro com o divino, o que gera a literatura fora da religião e, por conseguinte, a Teopoética

Nesse contexto, enfatiza-se a experiência perceptiva do “eu” que revela o significado divino na expressão literária, desafiando fronteiras tradicionais entre a fé e a criatividade, através de textos que, por meio da palavra, da imagem e da metáfora, revelam dimensões profundas do sagrado. Ademais, a Teopoética possui um campo inter-relacional que dialoga com outros, como a mística, a arte e a música, e caracteriza-se como um espaço heterogêneo que abriga traços de vários discursos. Em vista disso, é através da literatura que se nota e se evidencia a transcendência da palavra divina, que é apresentada numa imagem e essa se converte em experiência mediante a enunciação. Logo, o “ser” transforma a palavra em poesia e torna-se ajudante na criação como sugerido pelo próprio discurso da Bíblia: “Então Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança[...]. Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher.” (Gn, 26, 27). A poesia está intimamente ligada à religião. Ela aproxima o ser à imagem, e a imagem é a base de sua experiência, porque por meio dela, consegue-se mostrar o que não pode ser visto, mas pode ser imaginado, experienciado.

Nesse sentido, a Teopoética faz muito uso da abstração e do imaginário, almejando mostrar as “experiências do mistério” de Deus, do ser e do mundo. Em suma, o elo entre teologia e a poética é evidente, pois aquela primeira pode utilizar-se da poesia para expressar os desejos e as angústias, os sofrimentos e as falhas do humano. Esse “ser” devaneia, imagina, tenta compreender o que não está à mostra e almeja ser correspondido em suas tentativas de comunicação em meio ao silêncio apresentado, buscando preencher com a imagem a lacuna que é deixada, sendo a literatura esse espaço de mediação entre o indivíduo e o divino. É ela que revela, que abrange e que mostra o indescritível.

Neste capítulo, apresentarei como a Teopoética se destrincha por intermédio da literatura e da teologia. Dessa maneira, enfatizara-se como autores e poetas usam suas palavras para explorarem os mistérios espirituais. É através da linguagem que a palavra se caracteriza

como uma força transcendental que atravessa, transita e que se mantém no tempo como um “baú” que guarda e transmite segredos sobre a sociedade, carregando suas múltiplas significações. Nesse sentido, a palavra tem esse “poder de chamamento” e “apontamento” para com o ser, faz com que esse experiencie e adquira conhecimento, astúcia e potencial para desenvolver seus dizeres poéticos e transpô-los. É ela que mantém vivo o vínculo entre o homem e o mundo desde os primórdios, e pode ser considerada histórica, sagrada, etc. A palavra nomeia, identifica o ser, mas esse processo de identificação dá-se de maneira complexa, pois categorizar e atribuir particularidades a um objeto ou “ser” podem demandar variantes imensuráveis.

Os signos são o meio pelo qual o homem e o mundo se expressam e relacionam-se, e é dividido em significado e significante. O primeiro é conceituado como a parte abstrata do signo, ou seja, sua ideia, seu conceito. Já o segundo é a imagem construída, a parte concreta da palavra, composta pelos seus sons. Esses, diante do tempo, realizam-se, pois é a partir da união dos dois que são gerados ciclos de significações. Para Bakhtin:

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico [...] cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. (BAKHTIN, 2006, p. 30-31)

Como pontuou Bakhtin, os signos se desdobram através da e para a ideologia, e é a partir dessas ações e reações para com a realidade, que a imagem desses signos é construída e exteriorizada. Tentar representar a linguagem através de uma imagem é como desenhar no escuro. Poderíamos saber ou sentir como ela se concretizaria, mas ao passarmos para o papel, o que “desenharíamos” não se daria por completo ao ser visto, porque a imagem transcende a palavra, e a linguagem transcende a si própria. Em razão disso, uma imagem pode se constituir de várias formas (através de cores, sons, gestos), mas cabe ressaltar que esses campos necessitam de uma “superfície” apropriada para que a figura seja afirmada, pois uma imagem unificada em sua concretude e subjetividade só possui valor dentro de um espaço. A imagem é um aglomerado de significação que “rascunha” seus esboços a partir do que lhe é oferecido, é um molde da realidade que imaginamos.

Nesse sentido, a imagem e o “ser” que a detém, possuem uma conexão, uma realidade que transcende o meio, “apreendendo” o mundo num tipo de relação de coexistência, tal como afirma Bosi: “A imagem é um modo da presença que tende a suprir o contacto direto e manter juntas, a realidade do objeto em si e sua existência em nós.” (BOSI, 1977, p. 13).

Com isso, a constituição da imagem surge do desenho mental, do pré-construído do indivíduo para com o objeto que está se “desenvolvendo”. Logo após esse “molde”, a aparência dessa imagem reproduz-se de acordo com o que foi pré-construído, tendo suas dimensões criadas e moldadas a partir da nossa mente e exteriorizadas para uma realidade dada e construída, que se destrincha através do tempo, retoma e usa seu passado, mas que depende do presente para se manter viva. Resume-se sempre a um movimento de ida e volta ao passado e presente para a sua constituição, executando-se, assim, por meio do tempo. O elo entre a imagem e o indivíduo faz com que esse “relacionamento” com a realidade possa ser transcendental e poético: transcendental, porque está além dos limites convencionais da realidade; e poético, porque o homem, com os seus pensamentos, seu discurso, jeito de ser e de viver, gera a poesia. Dessa forma, os seus dizeres estão à procura de uma imagem que vão agir sobre ela em forma de poesia.

Para muitos poetas, suas criações são como um espelho que faz transparecer suas alegrias, suas dores e angústias (de um “eu-fragmentado”, dividido, incompleto, que almeja completude e que busca por correspondência). Em *O arco e a lira*, Octavio Paz (1982), no capítulo “Poema e poesia”, apresenta a poesia como algo vital, que conduz o ser humano, condicionando a sua existência. Trata-a como uma combustão que ocasiona uma revolução no “ser” que a detém, podendo ser: “Pão dos eleitos, alimento maldito [...] Filha do acaso; fruto do cálculo [...] Pura e impura, sagrada e maldita” (PAZ, 1982, p. 15).

Nesse sentido, a poesia passa por vários processos existenciais que escondem ou revelam o ser que a detém. Logo, é através da experiência, do uso de todos os sentidos, que essa realiza-se, ou seja, a poesia pode ser criada a partir do ocasional, do incalculável, do “estado de ser”. O poeta faz com que qualquer coisa, objeto e vivência possa se tornar poética, imagem, sendo assim o intermediário entre sua obra e a poesia: “o poeta é fio condutor e transformador da corrente poética” (PAZ, 1982, p. 16). Dessa maneira, o que vai trazer essa “poeticidade” ao texto não é poema e sua métrica, não é a temática, mas sim as inspirações/experiências que estão ao redor do criador.

A história e tantas outras ciências podem ajudar a estudar e desvendar a poesia, mas não podem compreendê-la por completo: “O poeta utiliza, adapta ou imita o fundo comum de sua época, isto é, o estilo do seu tempo, porém modifica todos esses materiais e realiza uma obra única” (PAZ, 1982, p. 20-21). A compreensão de uma obra está além desses princípios, pois cada obra é única, e cada poeta possui sua técnica, voltada restritamente a si. Além disso, o escritor sempre buscará ultrapassar os padrões que o cercam, pois o que é histórico é o estilo e não a poesia: “O poema sem deixar de ser palavra e história, transcende a história” (PAZ,

1982, p. 23). Ou seja, o poema revela muito mais que a história. Cada obra construída é irrepetível, “exala” inúmeros significados que o próprio autor articula para que o leitor possa criar e projetar suas próprias significações e imagens. Logo, essa articulação faz com que a poesia esteja inserida num espaço em que os signos estejam em busca de novos significados, abandonando seus significados habituais para servir ao “ato de poetizar”.

Indubitavelmente, o objeto poético tem a capacidade de conter significados que transcendem a sua aparência superficial, já que a poesia significa em toda a sua extensão, ou seja, tudo nela está para a linguagem e para além dela: “O mundo do homem é o mundo do sentido” (PAZ, 1982, p. 23). Por isso, a poesia se torna responsável pela imersão do ser na criação da imagem poética, pois este procura na poesia o que lhe falta, o que o preenche, o que o conforta. O “ser” pode ser leitor e autor ao mesmo tempo. Esses dois dão vida e “valor” ao texto.

Além disso, a imagem na poesia vai se formando a partir do enlace das palavras com as suas acepções e, através da imaginação e da percepção sobre o meio, são articulados e fixados pensamentos, experiências, devaneios do “ser” que se encontram nesse emaranhado de concepções. A poesia tem acesso ao real, e cabe à imagem a representação deste a partir da articulação entre a imaginação, o texto e o discurso:

A imagem, mental ou inscrita, entretém com o visível uma dupla relação que os verbos *aparecer* e *parecer* ilustram cabalmente. O objeto dá-se, aparece, abre-se (lat.: *apparet*) a visão; entrega-se a nós enquanto aparência: esta é a *imago* primordial que temos dele. Em seguida, com a reprodução da aparência, esta se parece com o que nos apareceu. (BOSI, 1977, p. 14)

Esse conceito de assimilação (aparência e parecença) para a “reprodução” da imagem está atrelado também ao uso da metáfora, visto que esta surge como imagem, e estabelece relação entre elementos, objetos distintos, tornando-se atribuição através do discurso numa espécie de relação de coexistência. Em suma, a imagem na poesia forma-se a partir de relações, sejam elas reais ou fictícias.

A imagem, segundo Octavio Paz (1996) é composta verbalmente por frases, que dão seguimento ao poema. Toda imagem detém a capacidade de unir realidades opostas, que, porém, transformam-se em unidades homogêneas quando fundidas.

O dizível é posto a “prova de fogo” a todo momento pela linguagem, visto que a soberania e o silêncio do absoluto são quebrados pela complexidade da palavra. A imagem não exclui quaisquer significados advindos da palavra, ao contrário, ela gera uma multiplicidade da realidade. E na poesia são caracterizadas como autênticas porque descendem da experiência

pessoal do poeta para com o mundo, do seu modo de vê-las, expressando-as de acordo com a sua realidade, sendo entendida e validada pelo mesmo.

Cada aspecto da poesia, desde suas rimas até sua estrutura, reflete a visão do poeta que, diante do momento da percepção, desencadeia no “eu” um “olhar para si”, revelando o “ser” e sua essência: “O homem é sua imagem: ele mesmo e aquele outro. Através da frase que é ritmo, que é imagem, o homem – esse perpétuo chega a ser – é. A Poesia é entrar no ser.” (PAZ, 1996, p. 50).

Em suma, é através da imagem que a poesia se realiza. A figura aparece e parece diante de um *continuum* incessante da poesia, entrelaçando-se com elementos como a história e a religião. Aliada à imagem e à metáfora, a poesia cativa, arrebatada e modifica o homem, fazendo-o retornar e desejar a origem: ele mesmo, para que, assim alcance seu desejo de completude. Tendo isso em vista, no próximo capítulo veremos como Teresa de Lisieux, como santa e poetisa, expressa sua espiritualidade através de suas criações e das imagens que ela cria de Deus, intermediada por suas inspirações.

## 2. A SANTA FACE POR TRÁS DOS ESCRITOS DE TERESA DE LISIEUX

Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face nasceu na França, no dia 02 de janeiro de 1873 e faleceu em 30 de setembro de 1897. É conhecida por transmitir em suas orações, poesias e cartas, seu amor, sua simplicidade e sua devoção a Deus de forma díspar e genuína, através da Pequena Via, lições que visavam transmitir o amor pelo Senhor através das pequenas coisas, gestos, ações e que a fez alcançar um estado poético em seus escritos. Propagou seus ensinamentos através de seus livros, como tantos outros santos. Ela com o seu dom de escrita perpassou ensinamentos ricos em religiosidade, concretizando-se, assim, como um testemunho de sua fé. Desse modo, ela abordou em sua trajetória de vida não só temáticas do seu dia a dia, mas também discutiu sobre muitos assuntos teológicos, como, por exemplo, a teologia da cruz, do purgatório e concepções/noções sobre a Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo). Seus escritos são diretos e simples, até porque ela somente estudou o básico, não detinha uma linguagem rebuscada. Entretanto, seu estilo espontâneo e cativante vigorou no tempo, acarretando assim na perpetuação de seus ensinamentos.

O ápice de suas lições foi a Pequena Via. Baseada nas Sagradas Escrituras, foi um caminho apresentado por ela para tornar-se santa. Por sentir-se incapaz de fazer grandes feitos, centrou-se em realizar pequenas ações de forma grandiosa por meio do esquecimento e renúncia de si mesma, pois, no conceito de Teresa, esquecer-se de si mesma a aproximaria do Senhor, e, quanto mais serva, fraca e vulnerável, mais próxima estaria do seu objetivo de tornar-se santa. Todos os escritos de Teresinha são criados e destrinchados pelos ensinamentos da Pequena Via, ou seja, baseados nos conhecimentos que ela possuía sobre a Santíssima Trindade, e por meio das virtudes teologais (Fé, Esperança e Caridade).

Ela mostra sua sabedoria e conhecimentos estando sempre a serviço de Deus, como filha/serva e poeta. Além de poetisa, também foi nomeada como sendo a 33ª Doutora da Igreja Católica, em 19 de outubro de 1997, pelo papa João Paulo II. Indubitavelmente, esse título fez com que seus escritos se tornassem ainda mais valiosos. O volume adotado para esta pesquisa, *Obras completas*, é a terceira tradução do francês das obras de Teresa de Lisieux em língua portuguesa. É importante ressaltar que os textos seguem um mesmo olhar, que é o da Pequena Via. O primeiro livro de Santa Teresinha é *História de uma alma*, um manuscrito autobiográfico, publicado em 1898, após um ano de morte. É dividido em 12 capítulos, constituído de lembranças familiares e pessoais de Teresinha, como também cartas, poemas, peças e orações, se revelando a obra mais conhecida e importante da autora. Ademais, contém

a teoria e os principais princípios para se alcançar o caminho supracitado, destacando sempre o embate/linha entre o divino e o humano, entre o “amor natural” e o “amor sobrenatural”.

*História de uma alma* trata-se da compilação de três manuscritos: o Manuscrito A, direcionado à sua irmã Madre Inês de Jesus, e com o título *História primaveril de uma florzinha branca*. A principal característica desse manuscrito é o cunho pessoal, ou seja, ele é mais familiar. Teresa conta a história de sua infância, da morte de sua mãe e de seu pai, sua adolescência e sua entrada no Carmelo. Já o segundo, o Manuscrito B, é dedicado à sua Irmã Maria do Sagrado Coração, que relata a construção da pequena via, os seus confrontos para com o dia a dia vividos no Carmelo, e também suas angústias/crises existenciais advindas sempre desses embates. Por fim, o Manuscrito C, dedicado à Maria de Gonzaga, que também narra sobre as vivências no Carmelo. É evidente que, para quem ler esse livro, vai depreender que o caráter dele é mais espiritual do que histórico.

Da mesma forma, ela fora a escritora de 163 cartas, 21 bilhetes, 54 poesias, 12 orações e 6 textos diversos. Este compilado mostra a vida de Teresinha, desde a sua infância até a sua morte. É evidente que em suas cartas e poesias há uma evolução quanto ao teor das temáticas e como ela as aborda, mas Teresa sempre “transmitiu” de forma direta os seus sentimentos e vivências, sem muitas “construções complexas”, até porque ela mostrava o que estava diante dela.

Quanto às cartas, essas foram destinadas às suas irmãs, que também estavam em Carmelos, como também a padres. No que se refere às poesias, orações e bilhetes, a maioria também foi endereçada às suas irmãs. Ademais, seus poemas são considerados simples tanto no linguajar, quanto nas temáticas. Estão cheios de bordões muitos conhecidos atualmente, como, por exemplo: “o que temos é o hoje”, “viver de amor”, entre outros. No quesito das temáticas, ela usa o bucólico, a natureza e, em específico, as flores. Entretanto, essas características serão somente destrinchadas no próximo capítulo com as análises das suas poesias. Em suma, vale salientar que a autora não segue ou não possui uma ordem de preferência quanto à sua escrita. Seu compilado é mesclado ora de poesias, ora de cartas, ora de peças de teatros, entre outros.

Nesse sentido, a temática mística se faz presente nos escritos de Teresa de Lisieux. A mística é o estudo das ações divinas ou espirituais que objetiva a “elevação da alma” para fins que estão além da compreensão humana. Esse processo consiste num conhecimento espiritual e existencial muito complexo de si próprio. Michel de Certeau intitula mística como: “é uma ciência do falar, mas uma ciência que quer ser ela mesma uma maneira de falar, uma interlocução” (CERTEAU, 1983, p. 160 *apud* OLIVEIRA, 2020, p. 8).

Ou seja, um processo interior que está além da razão e sentidos de quem o busca, demandando um caminho de sacrifícios para que haja a “elevação do espírito” e consequentemente a ligação divina. Em seu livro *A fábula mística*, o discurso místico está entrelaçado ao conceito da fábula, ou seja, Certeau propôs uma interlocução entre esses conceitos, pois o conceito de fábula, cuja etimologia advém do latim, *fabulari*, possui matriz com o verbo *fari* que significa falar, assume esse caráter de intertextualidade e promove, assim, a criação de fábulas por meio da experiência. Por conseguinte, os objetos do discurso místico são as orações e as conexões espirituais. Estes revelam a “vontade” de comunicação para com Deus e a forma como isso pode ser expresso de forma dizível. Santa Teresinha, através de sua vida dedicada à religião, fez com que sua devoção, suas práticas religiosas e suas experiências fossem ligadas a esse tipo de experiência.

Seguindo essa linha de raciocínio, irei utilizar três santos da Igreja Católica que também abordaram a literatura mística e que vivenciaram esse tipo de “elevação”, transcendência, e o transformaram em escritos. Trata-se de Santo Agostinho (354-430), São João da Cruz (1542-1591) e Santa Teresa d’Ávila (1515-1582). Todos os três mostram a importância da conversação, da comunicação e da criação desse espaço de interlocução, de confiança e de confiança entre o divino e o humano.

Em *Confissões*, também um livro autobiográfico, Agostinho de Hipona confessa seus pecados como forma de arrependimento e conversão, e, como Teresa d’Ávila, faz tentativas de comunicação:

Tu vês tais coisas, Senhor, e te manténs em silêncio; longânimo, cheio de misericórdia e verdade. Ficarás em silêncio pra sempre? Mesmo agora, Tu retiras desse horrível abismo a alma que te buscar, sedenta pela Tua alegria, cujo coração disse a ti: contemplei a Tua face. Tua face, Senhor, buscarei. Pois afeições obscuras causam afastamento de ti. (AGOSTINHO, 2019, p. 29)

Nessa passagem, fica evidente que Santo Agostinho sente-se arrependido por seus pecados. Ele deseja e busca a redenção pelo caminho do bem, pois os seus pecados o fizeram longe do Senhor. Assim como Santo Agostinho, São João da Cruz possuía essas problemáticas. Ele não entendia o silêncio de Deus, mas compreendia que o único caminho possível para chegar ao Senhor seria o “bem”, e algo contrário a isso traria distanciamento a quem suplica por comunicação.

São João da Cruz, escritor, poeta e doutor da Igreja, é considerado uns dos místicos mais importantes do Catolicismo. Como Santo Agostinho de Hipona, Santa Teresa d’Ávila e Santa Teresinha, também aborda a mística em seus escritos. Os seus textos são impecáveis,

objetivos, e possuem aporte na Sagradas Escrituras. Como os outros santos aqui citados, ele desenvolve um caminho para se chegar até a Deus e foi uns dos primeiros místicos a propagar seus conhecimentos teologais, tanto que foi até mencionado nos manuscritos autobiográficos de Teresa de Lisieux. Em uma de suas obras, *A Subida do Monte Carmelo*, ele demonstra bem esse percurso, e o título da obra não é sem fundamento, resumindo-se a um lugar de conexão e encontro com Deus. Nesse livro são postos em evidência os embates entre luz e sombra, o que transmite muito de sua doutrina. A criação desse caminho baseia-se na purificação da alma e do corpo, ou seja, a “mortificação”, através da temperança, equilíbrio e desapego de todos os bens com o acolhimento da cruz, sempre com a presença de Deus, que vai iluminar esse caminho estreito e atribulado rumo ao alto da montanha, ou seja, à santidade. Nesse sentido, o autor faz uso da noite como metáfora, “a desnudez da alma”, e trata-a como “instrumento”, trazendo esses sentidos de incompreensão e solidude, os quais esse caminho melancólico carrega:

Chamamos aqui *noite* à renúncia ao deleite que produz o desejo de todas as coisas, porque, assim como a noite não é outra coisa senão a privação da luz, e, por conseguinte, de todos os objetos que se podem ver através da luz, pelo que a capacidade visual fica às escuras e sem nada, quando nos referimos à alma também podemos chamar noite à mortificação do desejo, pois, quando renuncia ao prazer do desejo de todas as coisas, a alma se vê como às escuras e sem nada. Assim como a capacidade visual alimenta-se da luz que permite que os objetos sejam vistos, e que, uma vez apagada a luz, já não consegue mais percebê-los, assim também a alma se alimenta do desejo de todas as coisas de que pode desfrutar através dos sentidos. Uma vez que esse desejo tenha sido extinguido, ou, para dizê-lo melhor, encontre-se mortificado, a alma deixa de alimentar-se do prazer de todas as coisas e fica às escuras e sem nada. (JOÃO DA CRUZ, 2021, p. 6-7)

Sabe-se que a mística se apoia nas virtudes teologais (Fé, Esperança e a Caridade), e será através dessas que São João da Cruz descreve a noite em três partes: Sentido, Fé e Deus:

Por três razões podemos dizer que se chama noite a esse trânsito pelo qual a alma chega à união com Deus. A primeira, pelo lugar de onde a alma sai, pois o apetite se deve despojar de todas as coisas do mundo que antes possuía, o que significa que deve negá-las. Essa negação e despojamento é como noite para os sentidos do homem. A segunda, pelo meio ou caminho que a alma tem de seguir para chegar a essa união, isto é, o caminho da fé, que, tal como a noite, também é obscura para o entendimento. A terceira, pelo objeto para o qual se vai, que é Deus, o Qual é nesta vida nem mais nem menos que noite escura para a alma. Essas três noites têm de traspasar a alma, ou, para dizê-lo mais claramente, a alma tem que sofrê-las para alcançar a união com divina com Deus. (JOÃO DA CRUZ, 2021, p. 4)

Fica evidente abaixo que, para São João da Cruz, no caminho que ele propõe haverá sempre escuridão, purgação, ou seja, solidão e sacrifícios. Resume-se ao objetivo de união com o divino, através da escolha e da renúncia mundana e de si mesmo:

Para chegar a saborear o todo,

não queiras sentir o sabor em nada.  
 Para chegar a sabê-lo todo  
 não queiras saber algo em nada.  
 Para chegar ao que tu gostas  
 Hás de ir por onde não gostas.  
 Para chegar a possuir o que não possuis  
 Hás de ir por onde não possuis.  
 Para chegar ao que tu não és  
 Hás de ir por onde não és. (JOÃO DA CRUZ, 2021, p. 59-60)

Por último, Santa Teresa d'Ávila, que em seus escritos, mostra essa prática e aborda uma tentativa de conversa com Deus:

Estando eu hoje a suplicar a Nosso Senhor que falasse por mim, porque não achava assunto nem sabia como principiar esta obediência, veio-me à ideia o que agora direi o que agora direi, para começar com algum fundamento. Consideremos nossa alma como um castelo feito de um só diamante ou do mais límpido cristal, onde existem numerosos aposentos, assim como no Céu há muitas moradas. De fato, se refletirmos bem, irmãs, veremos que a alma do justo é nada menos que um paraíso onde o Senhor, como Ele mesmo diz, acha suas delícias. Pois, que vos parece? Que tal será o aposento onde se deleita Rei tão poderoso, tão sábio, tão puro, tão rico de todos os bens? Não acho coisa a que se possa comparar a grande formosura de uma alma e sua imensa capacidade (TERESA DE JESUS, 2019, p. 15)

Teresa d'Ávila mostra sua angústia e suplica por resposta. Ela compara a alma justa com um castelo e o céu com uma morada perfeita, límpida, pura e em que tudo está à mostra para Deus. Além disso, ela caracteriza Deus de forma bela e engrandecedora: “tão sábio, tão puro”, que é perceptível o apreço, carinho e admiração, como também seu desejo de comunicação para com Ele. Dessa forma, Teresa problematiza a questão do “ser”, de como ele pode se comportar diante do Espírito Santo e de como ele pode sentir. Às vezes o “eu”, perdido em si mesmo, sente-se angustiado, pois a grandeza do Senhor dele afeta seu “estado de ser”, sua existência. Com sua identidade em crise, conflitos interiores acontecem, fazendo com que haja uma divisão interna, ou seja, esse “eu-dividido” que anseia por comunicação, pode resistir ou se sentir incapaz de atender a esses desejos, criando um estado de confusão e desorientação.

Nota-se que os três santos citados possuem uma forma única de ir ao encontro do seu amado, Deus. Desse modo, a mística é tratada por todos com o sentido de interioridade, de intimidade e caminho, e com Santa Teresinha não seria diferente. Ela cria a Pequena Via, em que mostra seus ensinamentos, pensamentos, agonias, tristezas e alegrias através do evangelho e de atos não grandiosos:

Não é, portanto, minha vida propriamente dita que escrevo; são meus pensamentos sobre as graças que o Bom Deus se designou conceder-me. Estou numa época de minha existência em que posso lançar um olhar para o passado. Minha alma amadureceu no cadinho das provações exteriores e interiores; agora, como a flor fortificada pela tempestade, levanto a cabeça e vejo que em mim realizaram-se as palavras do salmo 22. (TERESA, 2018, p. 51)

Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face também compartilha de uma vontade, desejo e intimidade extrema de conseguir chegar ao céu. Esses místicos abordam a poesia e a prosa como uma “libertação interior”, ou seja, transformam-nas ora em salvação, ora em súplica, servindo como um escape da realidade insatisfatória. A linguagem poética da autora, baseada na pequena via, é bastante simples, sem muitas construções difíceis que não possam ser entendidas e interpretadas. Nesse sentido, o seu olhar para com o meio e para Deus é de simplicidade, modéstia e alegria, mas, sobretudo, de submissão e obediência ao seu amado. Em vista disso, é através da demonstração de sua “pequenez”, das pequenas ações, dos pequenos gestos de fé e da caridade no dia a dia que esse caminho (ou elevador, como ela mesma falava), é construído até Deus:

Ao invés de me desanimar, disse a mim mesma: o Bom Deus não poderia me inspirar desejos irrealizáveis; posso, então, apesar de minha pequenez, aspirar à santidade. Crescer me é impossível; devo suportar-me tal qual sou, com todas as minhas imperfeições, mas quero, contigo, procurar o meio de ir para o céu por um caminhezinho bem reto, bem curto, uma pequena via inteiramente nova... Estamos num século de invenções. Agora, não se tem mais o trabalho de subir os degraus de uma escada. Quanto a mim, também desejei encontrar um elevador para subir até Jesus, pois sou muito pequena para subir a rude escada da perfeição. O elevador que deve fazer-me subir até o céu são os vossos braços, Jesus! Por isso não preciso crescer; devo, pelo contrário, permanecer pequenina e tornar-me cada vez mais pequenina. (TERESA, 2018, p. 181)

Através de suas narrativas, do ordinário e de sua vocação, ela conseguiu transformar suas experiências em conhecimento, perpassando e transcendendo seus ensinamentos, de caridade, fé e esperança, até os dias atuais. Adiante mostrarei alguns trechos que mencionarão essas três ferramentas que alicerçam a mística de Teresinha.

Em uma de suas cartas, presente no manuscrito C, Santa Teresinha conceitua e exemplifica a caridade. Essa se resume em sujeitar-se e em sacrificar-se, mas isso deveria ser empregado a todos que necessitassem:

Ah! Compreendo, agora, que a caridade consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se admirar de suas fraquezas, em se edificar com os mínimos atos de virtude que se vê praticar. Mas, sobretudo, compreendi que a caridade não deve ficar encerrada no fundo do coração: Ninguém —disse Jesus— acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas sim, sobre o candelabro, a fim de que ilumine todos os que estão na casa. (TERESA, 2018, p. 191)

Quanto ao segundo instrumento, a fé, cabe salientar que são muitos os trechos presentes no livro, porém escolhi essa oração, por sua simplicidade e impressionante devoção. Além disso, destaca-se também por sua singularidade e entrega de Teresinha para com Deus: “Meu Deus, com o auxílio de vossa graça, estou pronta a derramar todo o meu sangue para

afirmar minha fé.” (TERESA, 2018, p. 843). Por fim, a esperança, muito presente também nos escritos da autora. Nesse trecho, fazem-se evidentes o ânimo e a ânsia de Teresinha para atingir as “graças” que serão ofertadas por Deus:

Sinto-me muito mais feliz por ter sido imperfeita do que se, sustentada pela graça, tivesse sido um modelo de doçura... Faz-me tão bem ver que Jesus é sempre tão doce, tão terno comigo... Ah! Desde já reconheço: sim, todas as minhas esperanças serão realizadas... Sim, o Senhor fará por nós maravilhas que ultrapassarão nossos imensos desejos! (TERESA, 2018, p. 475)

Teresa de Lisieux ressalta o amor, essência presente em todos os seus escritos. E enfatiza as flores, inserindo o seu uso metafórico de pureza e pequenez, por exemplo. Segue abaixo, uma carta do manuscrito A, dedicado à sua irmã Maria Inês:

Acontece o mesmo no mundo das almas, que é o jardim de Jesus. Ele quis criar os grandes santos que podem ser comparados aos lírios e às rosas, mas criou também outros menores. E estes devem se contentar em ser margaridas ou violetas destinadas a deleitar os olhares do Bom Deus, quando ele os abaixa para seus pés. A perfeição consiste em fazer a sua vontade, em ser o que ele quer que sejamos. Compreendi, ainda, que o amor de Nosso Senhor se revela tanto na alma mais simples, que não resiste em nada à sua graça, como na alma mais sublime. (TERESA, 2018, p. 50)

Nesse trecho, Teresinha apresenta o eixo de seus textos, o amor divino, caracterizado por sua gratuidade. Com uma linguagem poética simples, ela enuncia que a vontade de Deus se faz prioridade sob as almas, e que essas almas, em conjunto, formam um jardim com diferentes tipos de flores, como lírios, rosas e violetas. Por fim, indubitavelmente, com o seu discurso de “amor”, ela se faz “pequena”, se faz “criança”, na mais completa humildade e entrega, consolidando seus ensinamentos através de suas ações, do “Só tenho o hoje”. Transcendendo-se por meio de seus escritos íntimos, simples, e encantadores, mostra sua face de humildade e o seu desejo de juntar-se ao seu amado, Deus, ou seja, ela vive e “morre de amor” pelo seu Senhor.

Em suma, é evidente que Teresa de Lisieux vivia o ordinário de forma extraordinária. Através de suas lições, ela mostrou que é possível servir a Deus e demonstrar seu amor de forma simples e honrosa, e suas poesias são prova disso. No próximo capítulo, irei apresentar seus escritos, em específico, suas poesias, que serão analisadas baseadas em suas lições (pequena via) e no que já foi explanado neste capítulo e no capítulo anterior.

### 3. A POÉTICA DE SANTA TERESINHA

Neste terceiro e último capítulo serão analisadas as criações poéticas de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, derivadas de seus ensinamentos. Como foi mostrado nos capítulos anteriores, Teresinha criou um caminho para alcançar a santidade, conhecido como “a Pequena Via”, que a fez ficar mais próxima do seu Senhor. Por meio desse percurso, seus escritos autobiográficos deram origem a 54 poesias destinadas à sua família, a freiras do Carmelo e a amigos em geral, e que ficaram conhecidas a partir da publicação de *História de uma alma*. Suas criações foram surgindo a partir das inspirações diárias: a vida no Carmelo, a natureza, seus sentimentos de incompreensão e renúncia aos seus desejos, entre outros. Tudo a inspirava, a natureza, os campos, flores, pássaros, ou seja, tudo o que estava à sua volta. A vivência e a experiência com o ordinário de suas pequenas ações e gestos de caridade fizeram com que “brotasse” nela o desejo da escrita. Da mesma forma, seus devaneios surgiam a partir do desejo de comunicação para com o seu Deus. Indubitavelmente, toda a sua pureza interior transparece em suas composições poéticas, revelando sua delicadeza, humildade e devoção.

Dessa forma, a poesia teresiana se constitui de maneira espontânea, sem muitos arranjos, pois ela transmite as mensagens da Pequena Via através da simplicidade e modéstia. Entretanto, seu estilo poético é pouco renomado, mas é genuíno, se tornando reflexo de sua expressão pessoal. Como Octavio Paz diz a poesia é “experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não-dirigido.” (PAZ, 1982, p. 15).

Nesse sentido, o “caminho” de dificuldades e a negação de si mesma e de seus desejos trouxeram-lhe experiência e, por conseguinte, inspiração para as criações poéticas, ou seja, seus escritos necessitavam da linguagem poética para serem compreendidos completamente.

Com o uso da imagem e da metáfora, Santa Teresinha consegue mostrar de forma transparente suas emoções e sua devoção. Como afirma Bosi (1977, p. 17): “A imagem é transformação de forças instintivas”. Isto é, a santa, consegue através da linguagem poética, reproduzir suas experiências religiosas. Teresinha consegue fazer essa “transferência” de sentidos de modo sutil, pois, na maioria das vezes, usa o bucólico como temática, cita-o e o compara a Deus. Nesse sentido, iremos mostrar como os seus escritos se desdobram mediante a imagem e a metáfora.

A natureza da metáfora é incerta, uma vez que o sentido de uma palavra e de sua imagem torna-se livre para ser transportada e “habitar”, para significar-se em novos espaços. Ela desempenha um papel importante na linguagem, pois, além de ser uma técnica de expressão,

é um processo relacionado ao pensamento e à cognição, ou seja, a metáfora transparece a fala, o pensamento e a imagem, compreendendo uma realidade através de outra.

A metáfora é um tipo de tropo que ocorre em meio ao processo de busca por uma nova significação:

É uma relação entre ideias, entre duas ideias: de um lado, “a primeira ideia vinculada à palavra”, isto é, a significação primitiva da palavra emprestada; de outro, “a ideia nova que aí se acrescenta”, isto é, o sentido tropológico substituído a outra palavra própria que não se quis empregar no mesmo lugar. (RICOEUR, 2000, p. 94)

Há uma conexão entre duas ideias ou mais que coexistem em um só espaço e que se manifestam também através de transições, de mudanças da natureza da palavra/ ideia. Destarte, é através da linguagem e especificadamente do discurso que acontecem atribuições do ser à coisa, como suas qualidades: “Assim, a figura é precisamente o que faz o discurso aparecer dando-lhe, como em corpos, contorno, traços, forma exterior” (RICOEUR, 2000, p. 101).

O autor Alfredo Bosi também compartilha essa mesma linha de raciocínio, pois, para ele, a figura apreende, constrói e molda o discurso através do *aparecer* e *parecer*: “O objeto dá-se, aparece, abre-se, a visão, entrega-se a nós enquanto aparência” (BOSI, 1977, p. 14). Em suma, a imagem confere e entrega ao discurso sua aparência, tornando-o mais vívido e concreto nesse processo de predicação que transmite à linguagem suas conexões e seus movimentos.

Quanto a Teresa de Lisieux, através da metáfora e por meio da analogia, ela passa em suas poesias a “imagem de Deus”. Toda a trajetória dessa notável santa mostra um caminho turbulento, cheio de espinhos, como as flores que ela tanto menciona como metáfora da pureza de sua alma e da profundidade de sua fé.

A seguir, iremos contemplar como seus escritos revelam a “imagem de Deus”:

22. Então eu gostava, fugindo do mundo,  
Que o eco longínquo me respondesse!...  
No vale solitário e fecundo  
Colhia em meio às lágrimas  
As flores!...

[...]

34. Como uma corça em sua sede ardente  
Suspira pela água corrente,  
Oh, Jesus! Para ti, corro desfalecida.  
Para acalmar meus ardores são precisas  
As tuas lágrimas!...

[...]

37. Jesus, belo Lírio do vale,  
Teu suave perfume me cativou.

Bouquet de mirra, oh, corola perfumada!  
Em meu coração quero guardar-te  
Amar-te...

[...]

38. Teu amor sempre me acompanha.  
Em ti, tenho os bosques, os campos,  
Tenho os riachos, o prado, a montanha,  
As chuvas e os flocos de neve  
Dos Céus...

[...]

53. Atraída pela bela chama,  
A borboleta voa e se queima.  
Assim teu amor atraí minha alma;  
É nele que eu quero voar  
Queimar-me. (TERESA, 2018, p. 549-556)

As estrofes acima são do poema “O cântico de Celina”, que foi escrito em 28 de abril de 1895 e se endereçava à Irmã Genoveva. O poema contém 55 estrofes e tem como principal temática o ambiente bucólico, que é metaforizado e transformado em “imagem de Deus” através da descrição da natureza feita por Santa Teresinha.

Nos trechos citados acima, Teresinha traz sua angústia e desejo de comunicação, clamando para que esse “eco longínquo” lhe respondesse e lhe desse uma resposta. Mas, mesmo solitária, desfalecida, sem forças, ela colhia flores, que eram como um símbolo de esperança para ela. Ela mesma percebe que não está sozinha, pois seu Deus está à sua volta. Ele é o Lírio do vale, os campos, as chuvas. Assim, ela também se faz natureza e, como submissa ao amor de Deus, se torna “borboleta” para atingi-lo.

A santa utiliza-se da natureza ao redor como metáfora para identificar Deus, ou seja, ela usa, transfere, desvia a imagem do eco longínquo, do Lírio do vale, do *bouquet* de mirra, da corola perfumada, dos campos, dos riachos para transpassar a paz, pureza e realeza para representá-lo. As atribuições que ela faz a Deus estabelecem conexões entre o ser e a coisa, dando contorno e vivacidade ao poema. Como afirma Bosi: “A imagem assume fisionomias várias ao cumprir seu destino de exhibir, mascarar o objeto do prazer ou aversão” (BOSI, 1977, p. 18), isto é, Teresinha cria através de seus devaneios, de sua imaginação, pontes, para que, assim, a imagem da natureza seja “transferida”, “realocada” e agregada a Deus. Dessa forma, as metáforas utilizadas no poema para representar Deus possuem características análogas a esse. Por exemplo, a primeira metáfora citada pela autora é “eco longínquo”, nomeia Deus. A característica dessa é bastante lógica, pois, em todo o discurso da santa, ela clama por comunicação, por respostas e, diante da solidão no vale solitário que é própria terra, sua morada, ela o intitula dessa maneira. Ela utiliza-se também das metáforas “Lírio do vale”, “*bouquet* de

mirra”, “corola perfumada”. Ela traz metaforicamente toda a realeza, simplicidade, força e pureza das flores para o seu Deus. Da mesma forma, a santa também fez com que as imagens dos bosques, riachos, chuvas fossem “transportadas”. E por último, ela mesma constitui uma imagem para si, a “borboleta”, que voa e busca pelo néctar do Senhor, abrasando-se em seu amor.

O poema “Viver de Amor” descreve a essência dos ensinamentos de Teresa de Lisieux, a pequena via, ao mesmo tempo que retrata e reflete a “imagem de Deus”:

6. Viver de Amor é banir todo temor,  
Qualquer lembrança das faltas do passado.  
Dos meus pecados não vejo nenhum vestígio;  
Num só instante, o Amor tudo queimou...  
Chama divina, oh, dulcíssima Fornalha!  
Em teu ardor fixo minha morada.  
É no teu fogo que eu canto alegremente  
“Vivo de Amor!”

[...]

9. Viver de Amor, quando Jesus dormita,  
É o repouso em meio ao escarcéu.  
Oh! Não temas, Senhor, que eu te desperte!  
Aguardo em paz a praia dos Céus...  
Logo, a Fé rasgará seu véu;  
Minha esperança é ver-te um dia  
A Caridade infla e empurra minha vela.  
Vivo de Amor!

[...]

14. Morrer de Amor é um bem doce martírio,  
E é este que eu gostaria de sofrer.  
Oh, Querubins! Aprontai vossas liras,  
Porque eu sinto terminar meu exílio!...  
Chama de Amor, consome-me sem tréguas;  
Vida de um instante, teu fardo me é bem pesado!  
Divino Jesus, realiza meu sonho:  
Morrer de Amor!... (TERESA, 2018, p. 546-548)

“Viver de Amor” é uma das criações literárias mais conhecidas de Teresinha, visto que, demonstra toda a significação de suas lições. O poema expressa em toda a sua extensão a submissão, o “despir-se” da autora para com o seu Deus. Do primeiro ao último verso, ela descreve como quer ser inteiramente de “Deus”. Ela se sujeita viver e morrer por esse amor tão almejado e digno do seu zelo e sacrifício.

Desse modo, ela expõe, de modo simples mas incisivo, como quer viver seus dias aqui na terra. Mesmo estando em confusão consigo mesma, ela se dispõe a viver o martírio imposto na vida dela com agudeza. Na sexta estrofe, ela sente-se anestesiada pelo fogo do Senhor, por

esse fogo poder “queimar” e “apagar tudo”, suas dores, lembranças, angústias, e por fazê-la sentir-se purificada, feliz e amparada, pois ela é somente uma pecadora que tenta alcançar o céu. Na nona estrofe, ela expõe as três virtudes teologais necessárias para assim prosseguir nesse caminho: a Fé, a Esperança e a Caridade. Elas estão em contraste com a sua “vela”, ou seja, diante da “chama divina”, da “divina fornalha”, ela mantém a sua “pequena chama” firme para alcançar a plenitude através das virtudes ofertadas. Na penúltima estrofe do poema, a santa menciona seu desejo que é “morrer de Amor”, entregar-se e morrer servindo ao seu Senhor.

Nesse sentido, as metáforas presentes nesse poema enfatizam a imagem de Deus criada por Santa Teresinha. Desde o início há a repetição da expressão “Viver de Amor” treze vezes, o que revela a essência do poema. Assim, tal expressão faz referência a Deus, pois a palavra “Amor” está escrita como nome próprio. É Nele que ela vai proclamar suas lições. Além disso, é na sexta estrofe que ela vai “lançar” mais duas metáforas que indicam Deus: “Chama divina” e “dulcíssima fornalha”. Todas as duas pertencem ao mesmo campo semântico do fogo, ou seja, nessas duas expressões transparece toda a sua devoção:

O discurso, embora não sendo um corpo, mas um ato do espírito, tem, em suas diferentes maneiras de significar e de expressar, alguma coisa de análogo às diferentes formas e traços que se encontram nos corpos verdadeiros. (RICOEUR, 2000, p. 63)

Ademais, é notório que há analogia entre as expressões “Viver de Amor” e “Morrer de Amor” presentes no poema, pois referem-se à sua doutrina, a pequena via, significando viver a sua pequena vida voltada ao Senhor e finalizá-la também por Ele.

No “Uma rosa desfolhada”, Teresa de Lisieux, já no fim de sua vida, mostra que está disposta a “desfolhar-se” pelo seu Deus:

1. Jesus, quando te vejo, sustentado por tua Mãe,  
Deixar seus braços  
E ensaiar, vacilante, sobre nossa triste terra  
Teus primeiros passos,  
Diante de ti, eu quisera desfolhar uma rosa  
Em seu frescor,  
Para que teu pezinho pousasse docemente  
Sobre uma flor!...

[...]

2. Esta rosa desfolhada, é a fiel imagem,  
Divino Infante,  
Do coração que quer, por ti, se imolar sem reservas,  
A cada instante.  
Senhor, sobre os teus altares, mais de uma fresca rosa  
Gosta de brilhar.  
Ela se doa a ti...Mas, sonho outra coisa:  
“Desfolhar-me...”

[...]

3. A rosa, com seu brilho, pode embelezar tua festa,  
Menino amável.  
Mas, a rosa desfolhada, é simplesmente lançada  
Do vento ao léu.  
Uma rosa desfolhada, sem estima, se dá  
Para não mais existir.  
Como ela, com alegria, a ti me abandono,  
Pequeno Jesus. (TERESA, 2018, p. 629-630)

Teresinha em todos os seus poemas almejava manifestar seu amor por Jesus, sobretudo nesse. Nesse sentido, o poema aborda muito a temática do sacrifício, do abandono de si mesmo, pois a santa não tinha medo da morte, apenas tinha medo de não poder ofertar todo o seu amor, para assim ser feita a vontade de Deus.

Dessa forma, a temática do bucólico, em específico o uso metaforizado das flores, foi mais uma vez empregada por Teresa. Logo no início do poema, a autora cria uma metáfora para si própria, uma “rosa desfolhada”, ou seja, uma jovem que quisera sacrificar-se, doar-se em prol de seu Deus por meio da sua pequenez e do abandono de si mesma, uma vez que ela não queria ser perfeita como uma rosa em todo o seu frescor, com toda sua beleza e perfume intactos, mas, sim, uma rosa que se “esgota” a cada sacrifício, a cada “pétala arrancada”, sem qualquer beleza, como forma de expiação, submissão e renúncia de si mesma para atingir a graça de ser a “fiel imagem” do “Divino Infante”, Jesus. E é através de suas experiências, sensações, que Teresa vai ser conectada intimamente com a imagem, ou seja, com o seu Deus.

No quarto poema “O abandono é o fruto delicioso do Amor”, Teresinha faz do seu elo com Deus uma experiência de abandono, mas também de rigor, ao passo que seu martírio a fortalece como força e inspiração:

1. Existe nesta terra  
Uma árvore maravilhosa.  
Sua raiz —Oh, que mistério! —  
Encontra-se nos Céus...

[...]

2. Desta árvore inefável  
O nome é Amor,  
E seu fruto delicioso  
Se chama Abandono.

[...]

6. Ele me dá neste mundo  
Um oceano de paz  
E, nesta paz profunda,  
Estou sempre a me repousar...

[...]

10. Como a margarida  
De cálice dourado,  
Eu, florzinha pequenina,  
Me abro ao Sol...

[...]

11. Meu doce Sol de vida  
Oh, meu amável Rei,  
É a tua hóstia divina  
Pequenina como eu...

[...]

12. Os raios luminosos  
De sua celeste Chama  
Fazem nascer em minh'alma  
O perfeito Abandono. (TERESA, 2018, p. 632-633)

O poema tem como temática principal a busca da paz e de conexão para com Deus. Por meio da metáfora da “árvore maravilhosa”, citada na primeira estrofe, Teresa de Lisieux representa sua fé e sua espiritualidade. Com suas “raízes” no céu, ela simboliza o elo com o divino, e a partir dessa árvore, intitulada de “Amor”, há a configuração da “imagem de Deus”. Através dessa árvore, vem o abandono, o meio de comunicação pelo qual Teresinha entrega-se como uma margarida que está “desabrochando” diante do “Sol de vida”, que é Jesus. Teresinha “transporta” para o seu poema ideias que se relacionam e exprimem o seu gênio interior mediante o discurso metafórico.

Diante do que foi exposto nesse capítulo, nota-se que a “imagem de Deus” faz protagonismo nos poemas de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face. É através da linguagem metafórica e da analogia que a autora “liberta-se” e expressa seu imaginário e devoção. A santa explora de maneira única a natureza cotidiana em que vive e a transforma em experiência poética com o seu olhar inspirador e transcendental, que cria e revela a figura do Divino. Através da palavra, ela teve a capacidade de evocar e alcançar inimagináveis espaços de significação que a linguagem convencional não “suportaria”. Em suma, a linguagem poética de Teresa de Lisieux transforma as pequenas coisas, como a natureza, flores, animais em “imagem de Deus”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral verificar as metáforas presentes nas poesias de Teresa de Lisieux, bem como as imagens geradas a partir de comparações e analogias feitas pela mesma, aportando-se para análise em estudos sobre a Teopoética.

Através da Pequena Via, Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face conseguiu perpetuar seus ensinamentos até os dias atuais. Com sua simplicidade e devoção, demonstrou em seus escritos amor e fidelidade à sua religião e ao seu Deus. Por meio de sua sapiência e discernimento sobre as virtudes teológicas e noções sobre a Santíssima Trindade, ela conseguiu demonstrar uma escrita simples sobre Deus, o que encantou não só fiéis da fé cristã, mas também literatos que viram a beleza simbólica de sua linguagem.

Nesse viés, os poemas “O cântico de Celina”, “Viver de Amor”, “Uma rosa desfolhada” e “O abandono é o fruto delicioso do Amor” resumem-se a um desejo de comunicação, tomado pela renúncia e submissão da santa. Dessa forma, ao abordar o seu dia a dia e utilizar-se da natureza ao seu redor, Teresa de Lisieux consegue extrair de sua existência uma linguagem metafórica baseada em suas concepções/noções sobre Deus, a qual foi apresentada em seus poemas.

À vista disso, foram identificados aspectos importantes que caracterizam a Teopoética, tanto no campo da teologia, quanto no da literatura, como a correlação entre a experiência mística, metáfora e imagem. Assim, tornou-se necessária a presença de representação em ambas as áreas, de modo que, ao analisarmos as metáforas por meio das percepções dos teóricos e santos aqui mencionados, identificamos que a metáfora proporciona aos poemas de Teresa de Lisieux um caráter “fisionômico” a Deus, ou seja, por meio de seu discurso, de suas experiências, de seus devaneios e de sua imaginação, ela consegue alcançar a transcendência, atribuindo aos objetos, seres e até a si mesma significação a “imagem de Deus”. Além disso, a metáfora, por meio da analogia, foi capaz de criar conexão entre o ser e a coisa e de representar a fé e a espiritualidade que Teresinha tinha por Deus.

Diante do que foi apresentado, esta monografia deu início a um novo olhar sobre os escritos de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, na qual foi destacada a importância da abordagem metafórica da espiritualidade. Ao explorar as metáforas contidas nos poemas de Teresa de Lisieux, deparamo-nos com uma relação única entre a linguagem poética e a experiência mística, o que revelou uma expressão autêntica e poética da fé, ancorada nos grandes ensinamentos passados pela santa.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução Beatriz S. S. Cunha. São Paulo: Principis, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BÍBLIA, A.T. Gênesis. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução Centro Bíblico Católico. 87. ed. São Paulo: AVE-MARIA, 1992.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- EAGLETON, Terry. **Cómo leer un poema**. Traducción Mario Jurado. Madrid: Ediciones Akal, 2010.
- JOÃO DA CRUZ, São. **A Subida do Monte Carmelo**. Tradução Rubens Enderle. RS: Minha Biblioteca Católica, 2021.
- JOÃO DA CRUZ, São. **Poesias de São João da Cruz**. Tradução Maria Salete Bento Cicaroni. RS: Minha Biblioteca Católica, 2021.
- OLIVEIRA, Wesley. A mística em Michel de Certeau: ciência nova entre a linguagem e o experimento. **Pensar: Revista Eletrônica da FAJE**. Belo Horizonte, v.11, n.2, 111-125, 2020. Disponível: <  
<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/download/4645/4554> > Acesso em: 19 Set. 2023.
- PAZ, Octávio. **O arco e lira**. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PAZ, Octavio. **Signos em Rotação**. Tradução Sebastião Uchoa Leite. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- RICOEUR, Paul. **A Metáfora Viva**. Tradução Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- TERESA DE JESUS, Santa. **Castelo interior ou moradas**. Tradução Carmelitas Descalças do Convento de Santa Teresa. Minha Biblioteca Católica, 2019.
- TERESA do Menino Jesus e da Santa Face. **Obras completas**. Tradução Paulus editora e monjas do Carmelo Imaculado Coração de Maria e Santa Teresinha. São Paulo: Paulus, 2018.